

Demo

VÍRUS

TECNOLÓGICO III:

Jogo de

câmaras

montado

Antoine CANARY-WHARF

2080

Antoine Canary-Wharf

Registo n° 349/2020 **SIIGAC/2020/843** DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS®

Print Your **Heart** with Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions. A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

© Jupiter Editions

Siga o autor @antoinecanarywharf

— (...) Ainda me lembro exatamente do dia em que soube que a Câmara Municipal (...) e o Comando (...) da Polícia de Segurança Pública tinham assinado um protocolo com o objetivo de permitir a instalação de um sistema de videovigilância nas vias públicas do centro histórico (...), em que o comando da polícia iria visualizar e monitorizar as imagens em tempo real e iria conservar e tratar os dados recolhidos. (...) Levámos aquela instalação de câmaras a gozar dizendo que ainda só estávamos em 2020 e que ainda não estávamos em 2080... Afinal de contas, qual era a diferença entre câmaras instaladas no centro histórico ou drones a sobrevoarem com câmaras de filmar? Era a mesma coisa! Um jogo de câmaras montadas umas a seguir às outras é a mesma que ter um drone a perseguir-nos, mas em silêncio, que num impetuoso silêncio nos assassina a alma e o espírito, sacrifica a nossa imagem e põe em crise a nossa integridade. E aquele nosso gozo sério fazia-nos sempre cair na realidade! Mas câmaras de vigilância (...) Na cidade mais pacata do mundo???? Câmaras de vigilância para criar um efeito dissuasor de prática de diversos ilícitos criminais???? Não!!!! Não há crimes (...) em 2080, como não havia crimes em 2020! Mas quando dizemos que não há crimes, não quer dizer que não haja um estúpido (...) que se meta connosco ou um grupo (...). Mas quando alguém se metia connosco (...), nós podíamos responder e chamar logo a polícia. (...) é uma cidade demasiado pequena, pelo que se alguém se portar mal, nós sabemos logo identificar. (...) é como se fosse uma ilha. Toda a gente se conhece (...). Para quê instalar câmaras? Se uma senhora foi assaltada na rua por um grupo (...), por causa desse grupo (...), vamos agora instalar câmaras por toda a cidade???? Nem pensar! É verdade que o direito à segurança era já um direito constitucional na Constituição que tínhamos anterior à nossa Constituição Tecnológica. Mas também é verdade que o nosso direito à imagem, o nosso direito à

palavra, o nosso direito à vida privada, os nossos dados pessoais e os nossos direitos de personalidade já nessa Constituição de 1976 que vigorava em 2020, eram, pois, direitos constitucionais fundamentais que não podiam ser sacrificados por outros direitos constitucionais como o direito à segurança. Vamos lá ver uma coisa: se eu sou a Polícia e sei que (...) há um grupo chungoso que todas as noites vai para um determinado pátio de um estabelecimento comercial armar confusão, então eu tenho é de ter polícias à porta desse pátio ou por ali a passar, patrulhar, não é mandar pôr câmaras! Eu não quero desfazer a poesia de Gil de Sales Giotto em que fala dos “bonitos” polícias (...)... Mas tenho a certeza de que Gil de Sales Giotto só falou assim, porque num dia solarengo foi ao Jardim (...) e viu bonitos polícias a fazerem a patrulha pelo jardim descontraidamente sem telefones. Mas se Gil de Sales Giotto soubesse que o comando da polícia iria assinar um protocolo com a Câmara (...) para instalar câmaras de videovigilância no Centro Histórico e no Jardim (...) Gil de Sales Giotto não teria escrito a poesia que escreveu *À Velocidade da Luz*. *À Velocidade da Luz* teria escrito outra poesia. Teria certamente implorado por mais patrulhas! Porque só com a patrulha é que se resolve verdadeiramente o crime! Só com a presença física da força policial, é que eu consigo verdadeiramente dissuadir os “diversos ilícitos criminais”. Não é com câmaras nenhuma. Primeiro, porque se eu for bandido ou quiser ser bandido basta aprender o mapa das câmaras e saber em que becos do centro histórico posso ser bandido. Depois, porque posso simplesmente meter um capuz e assaltar precisamente onde há uma câmara. Uma besta ou um perverso pode até ter prazer em estrangular ou esfaquear alguém à frente de uma câmara. Há gangues tecnológicas que filmam os crimes e disseminam o vídeo criminoso como um vírus pela *dark net*. Ou seja, uma câmara até pode motivar mais para o crime tecnológico! Há quem tenha a adrenalina deste tempo real criminoso dentro de si! E por ter essa adrenalina, sabe muito bem que pode esfaquear e a seguir fugir encapuzado. Isto aconteceu em Londres! Em Londres, onde a polícia sem drones já andava *À Velocidade da Luz* de

Gil de Sales Giotto. O aparecimento da videovigilância no espaço público britânico vem deste o início dos anos 80 do século XX. E daí, veio uma escalada brutal da instalação de câmaras nunca visto nos outros países. A iniciativa mais significativa de implementação de *Closed Circuit Television* foi definida no âmbito do *Home Office Crime Reduction Programme* em 1998, em que foram disponibilizados 170 milhões de libras para o financiamento da instalação de câmaras de vigilância, em parques de estacionamento, zonas residenciais e centros das cidades. Em 2002, já havia 4 milhões de câmaras instaladas pelo Reino Unido. Em 2004, já havia 10 milhões de videocassetes a serem gravadas todos os dias, (...)! Em média, um britânico seria filmado mais de 500 vezes por semana, sendo um londrino 300 vezes por dia. O impacto da videovigilância apresentou resultados díspares. Em muitos locais não se verificou qualquer alteração da criminalidade e em muitos outros locais verificou-se um aumento dos níveis de criminalidade. Quando perguntaram aos britânicos inquiridos no âmbito do estudo do Projeto *Urban Eye* da Comissão Europeia sobre o sistema de videovigilância nas ruas, 90% mostraram-se favoráveis. Mas para os alemães, austríacos, dinamarqueses, noruegueses e espanhóis que também fizeram parte do estudo, juntamente com os húngaros, para eles seria aberrante! As culturas são diferentes! Se eu tivesse nascido com câmaras de vigilância talvez não me importasse em ser filmado 24 horas. Mas eu não nasci com câmaras. Nasci na melhor janela espiritual dos direitos. Nasci com um Direito que me ensinou a proteger os meus direitos de personalidade, a defender a minha imagem, a minha vida privada, a minha intimidade, as histórias da minha vida real e a acordar a tempo para a Internet das Coisas, para o poderio da resolução das câmaras e do áudio dos microfones, para a Inteligência Artificial, para o mercado negro dos dados (...) Cantei mil vezes à noite no centro histórico (...), subi às cavalitas do Jakob mil e uma vezes enquanto andávamos felizes pelas suas ruelas, o Jakob roubou-me mil e um beijos num ou outro beco à noite... E saber que tudo isso iria chegar ao fim com sumptuosas câmaras???? A polícia (...) ter de saber com quem é que eu

andava? Saber com quem é que eu saía à noite ou deixava de sair? Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari vi que este projeto era para me dissuadir, mas era a mim de circular no Centro Histórico (...), porque eu com câmaras de vigilância no Centro Histórico (...) não iria mais pôr lá os meus pés! Isto era um projeto que me cortava a minha liberdade de movimentos! Quando eu (...) aterrei a primeira vez na alienígena Londres e vi câmaras por todo o lado, eu não quis saber. Mas não quis saber porque estava num país estrangeiro. E isto tinha uma grande diferença. Isto fazia toda a diferença. Eu podia andar por onde eu quisesse e fazer o que eu quisesse que eu sabia que não pertencia àquela sociedade de informação e por isso nenhum zoom seria feito ao meu espírito. E sabia que saía de Londres e passado pouco tempo as minhas imagens seriam esquecidas. (...) Além de que nenhum polícia britânico seria meu vizinho. No entanto, se eu viver em Lisboa, um polícia em Lisboa, pode ser meu vizinho. E este polícia tem amigos e família. Os amigos e os familiares do polícia integram a minha sociedade de informação se eu viver em Lisboa. E se o sistema de vigilância for vendido a uma entidade privada, os donos dos dados, os tratadores e realizadores das minhas histórias, integrarão sempre a minha sociedade de informação. Foi por isto que eu não me importei de ser filmado em Londres como um britânico talvez não se importe muito, mas que me importo de ser filmado (...) em Lisboa, como qualquer português que não foi apanhado pelo vírus tecnológico (...)! Pelo menos, em 2015, quando o meu espírito deambulava com os dinamarqueses pela bonita e pitoresca Copenhague nenhuma câmara capturou o meu espírito, porque simplesmente não existiam câmaras de vigilância na Dinamarca. A Áustria, a Alemanha, a Noruega e a Espanha limitavam os sistemas de videovigilância a localizações estratégicas, como por exemplo as principais estações ferroviárias. (...) Em Lisboa, eu “até fecho os olhos” e desligo das câmaras na principal estação dos caminhos de ferro de Santa Apolónia... (...) Por causa do jogo de câmaras instalado nas estações dos comboios de (...) Lisboa é que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom na sua sofisticada

Internet das Coisas conseguiu ver com um perfeito zoom (...) *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. (...) eu tenho de ser dono da minha vida, dono do filme da minha vida e ver que a minha vida para todo o sítio em que eu a leve vai dar sempre um brilhante filme, porque é o meu filme e no meu filme eu sou e serei sempre a personagem principal. É este que deve ser o pensamento de cada um de nós, porque só este pensamento é que nos vai fazer libertar de toda a tecnologia e devolver-nos à realidade das coisas. E se sou a personagem principal do filme da minha vida e se a minha vida foi transformada num filme tecnológico por causa da tecnologia, então eu quero imediatamente ver depositados os milhões que mereço na minha conta bancária, porque ainda que o dinheiro seja virtual, é esta a virtualidade em que vivemos. Porque são preciso milhões para podermos movimentarmo-nos com liberdade. Porque são preciso milhões para podermos ter verdadeiramente uma segurança. As portas blindadas são caras. Blindar portas e jardins custa milhões. Ter um jardim todo blindado impedindo que drones sobrevoem custa milhões. Ter um sistema tecnológico desses custa milhões. (...) o Jakob, para mim, sempre foi o rapaz mais giro do mundo, mas ele dizia que era eu o rapaz mais giro do mundo e namorados como éramos, era normal andarmos (...) o dia aos marmelos (...). Quando um não tinha os pais em casa, telefonávamos logo a chamar o outro. Era isto que os namorados faziam. Isto é o mais normal dos namorados. Como era normal que quando tínhamos os pais em casa e queríamos ir namorar íamos para um spot. Hoje, este spot em que aqui estamos, era um dos nossos spots favoritos. (...) E assim que chegávamos a este spot, o Jakob começava logo a beijar-me (...) Só depois no último ano dele em Medicina, no 6º ano é que ele se mudou para a casa da mãe na Costa de Caparica. (...) Íamos todos os dias para Lisboa. O Jakob ia primeiro no comboio e eu depois ia de autocarro. Eu tinha aulas só à tarde, mas o Jakob entrava de manhã nos hospitais e saía sempre tarde dos estúdios. Eu descia tudo com ele desde a cidade. Passávamos por aqui muitas

vezes de manhã na descida para o comboio. Eu ia deixá-lo sempre à linha do comboio. Depois subia tudo sozinho e via-o a ir de comboio.

— O quê? O tio Antoine acordava de manhã só para ir levar o Jakob à estação dos comboios?

— Sim... (...) Foi sempre o meu eterno companheiro. Quiseram nos ligar. Quiseram ligar os nossos corações a máquinas e analisar o nosso amor. (...) Querer ligar os namorados há Internet das Coisas só para perceber o porquê de eu não pensar em mais nenhum surfista, (...) o porquê de eu só ter olhos para as sensuais manobras do Jakob? É que se havia uma Internet das Coisas a querer ligar tudo, então com a minha Internet das Coisas eu ligava primeiro a minha vida à minha vida. E a minha vida era sair da cama a correr para o colo do Jakob. Porque o Jakob ia meter-se num comboio quase de madrugada todos os dias para podermos ter um futuro, pelo menos, decente. (...) E o nosso amor é que fazia parte da minha vida! E alguma vez nós precisávamos de ligar o nosso amor à nossa vida com telefones? A nossa vida não era virtual! Era real! Todos os dias foi real! E eu todos os dias, acordei sempre para viver a minha realidade. Para viver a realidade com o Jakob. O Jakob é que foi sempre a minha realidade. Não sei se não tivéssemos um sítio para namorarmos de manhã, se eu saía a correr da cama todos os dias... Mas como sabia que tínhamos sempre o nosso spot, saía da cama excitadíssimo e ia com ele de mãos dadas o caminho todo excitadíssimo... A sociedade de informação tecnológica já funcionava muito bem (...) em 2018, mas às horas daquela madrugada em que nós atravessávamos a cidade-fantasma, podíamos ir como fantasmas que éramos, de mãos dadas, sem sermos vistos por ninguém. Depois ele telefonava quando estava a apanhar o comboio em Lisboa para voltar (...). Já eu tinha chegado (...). E eu lá ia todo contente a correr ir buscá-lo. Descia tudo sozinho e depois subia com ele por aqui e vínhamos para aqui namorar. Também ia buscá-lo sempre à linha do comboio. Recebia-o e despedia-me dele

sempre aos beijinhos e abraços na linha do comboio. Mas quando as câmaras foram instaladas, sem qualquer aviso, deixámos de nos beijar na linha. Estar aos beijos com o Jakob e estar a ouvir a esquadra inteira a gozar-nos? A analisarem cada beijo nosso? Cada gesto nosso? Por acaso, o Jakob queria ser neurocirurgião, mas e se quisesse ser polícia? E se quisesse concorrer à polícia e fosse parar à esquadra (...)? Fazia algum sentido a esquadra (...) vê-lo fardado, mas vê-lo em memória sempre comigo aos beijos e aos abraços, porque tinha um banco de dados de filmes do nosso namoro? Isto não fazia sentido nenhum! E quando nos apercebemos que a nossa rotina, o nosso namoro, mesmo sem beijinhos, mas com abraços, gerava dados e poderia alimentar uma Inteligência Artificial ligada a uma Internet das Coisas, numa nossa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, simplesmente deixei de o levar à linha. As câmaras tinham dado cabo da nossa liberdade, do nosso movimento, do nosso namoro. (...) A elegante capital da moda, Milão, começou a vestir a tecnologia das câmaras perto de 2000, dando um efeito *reality show* aos operadores de câmaras, porque estar atrás das câmaras era semelhante a estar a assistir a programas de televisão, só que com gente bonita, porque o povo italiano é um povo muito bonito, que fica muito bem nas câmaras, e neste “ficar bem”, a videovigilância acabou, pois, por contribuir para uma classificação prévia e discriminatória de quem é que era delinquente. (...) A implementação dos sistemas de vigilância em Atenas foram uma exigência externa na altura dos Jogos Olímpicos, numa altura de guerra contra o terrorismo. Mas logo a seguir, as câmaras foram vendidas a entidades privadas para a instalação nas principais ruas onde justamente se continuaram a registar imensos mortos. A videovigilância não resolve crime nenhum! Não evita morte nenhuma! O que regista, é a morte! São mortes em tempo real! No início de 2020, houve um desastre de carro em Lisboa. Esse desastre foi filmado dentro do carro em tempo real. Foi um miúdo que pisou o acelerador até aos 200 km/h e os amigos dentro do carro filmaram. Não sei bem se foi uma morte gravada mesmo em “tempo real”, porque não sei se os amigos que iam dentro do carro

filmaram e depois a polícia apanhou a gravação ou se eles fizeram um “direto” na rede social deles. Não sei bem, porque não quis ligar ao caso. As imagens do acidente que nunca as vi e nunca as quis ver foram virais. Mas mesmo sendo virais, eu consegui fugir ao vírus tecnológico. Consegui sempre fugir ao vírus tecnológico. Para quê ficar na cabeça com imagens de miúdos espatifados e desmembrados ensanguentados? Para quê ficar com essas imagens tecnológicas na cabeça? A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari ensinou-me a não ver essas imagens tecnológicas. Neste desastre, o vírus tecnológico já se tinha implementado nas mentes humanas que ousaram disseminar a imagem do acidente de carro por tudo o que era sítio. Foi viral! Foi estupidamente viral! Se eu fosse pai de algum dos miúdos teria levado tudo ao tribunal! Então, mas eu como pai tenho de estar a ver as imagens do desastre do meu filho na TV e nas redes sociais? Isto foi uma Ofensa À Memória de Pessoa Que Já Morreu! Um direito que já vinha previsto no Código Civil e que poderia ser perfeitamente acionável pelos pais dos miúdos contra tudo e todos!!!! As pessoas perderam toda a noção! Tornaram-se objetos! Tornaram-se simplesmente transportadoras de dados! São veículos de dados! Parece que não sabem ser mais nada! Mas alguma vez eu posso fotografar ou filmar um acidente ou uma morte? As pessoas perderam completamente a noção de tudo! Perderam o respeito por tudo! Não sabem nada! Não sabem ver nada! Não sabem respeitar nada! Não sabem só estar com os seus olhos e com o seu espírito! E depois isto sobra para quem? Sobra para nós! Para nós, que somos defensores dos direitos de personalidade que são os direitos mais espirituais do Direito. Mas ainda bem que o Direito é espiritual, porque se não fosse, nem sei que espírito é que eu ainda tinha para falar e defender isto! Ora, se eu sei que há pessoas que filmam a morte dos outros e têm prazer nisso, também tenho de saber que uma câmara pode ser exatamente o sítio perfeito para um encapuzado executar ao vivo e a cores o espírito de alguém. Uma câmara não protege nada! Só desprotege o espírito! E muitas igrejas sempre souberam que há um espírito, há emoções, há

toda uma fantasia, uma filosofia, uma paixão dentro dos corpos humanos que prometiam proteger. Mas que não protegiam nada. Iam o quê? Proteger o espírito com câmaras? Com câmaras só podiam era querer roubar o espírito! Vi igrejas a instalarem câmaras de vigilância. Vi depois o Sistema Perfeito a mandar desinstalar essas câmaras. Vi depois o Sistema Perfeito a mandar fechar essas igrejas. Vi o Sistema Perfeito a proibir religiões intolerantes. Vi depois o Sistema Perfeito a abrir outras igrejas. Vi depois o Sistema Perfeito a autorizar só 3 religiões tolerantes. Vi depois o Sistema Perfeito a abrir ene igrejas dessas 3 religiões. E neste abrir e fechar, vi que o espírito que havia nos humanos não tinha desaparecido. A fé continuava. Com novas igrejas e novas religiões, a fé continuava. O espírito continuava a habitar o corpo. E vi que o lugar do culto onde íamos cultivar e alimentar o nosso espírito poderia ser um qualquer. Poderia ser numa montanha, numa praia ou numa igreja. Fosse em que igreja fosse. Desde que fosse tolerante. Vi depois o Sistema Perfeito a casar-se com o Direito numa das igrejas. Vi o Sistema Perfeito a escolher uma religião. Vi o Direito a inserir algoritmos religiosos no seu novo código canónico. Vi o Sistema Perfeito a pôr câmaras de vigilância em todas as igrejas da sua religião. Vi que o Sistema Perfeito, afinal, tinha mesmo uma religião e tinha algoritmos muito religiosos. Vi o Sistema Perfeito a também instalar câmaras nas igrejas de uma outra religião com o pretexto de tornar um local de culto mais sagrado, seguro e isento de imposto. Vi o Sistema Perfeito simplesmente a usar a desculpa que tinha sido usada em 2019. Fazia crer aos crentes, que com as câmaras de vigilância, o sagrado tornava-se mais seguro. E os crentes acreditavam nessa falsa sensação de segurança. A febre de dados começou em 2019. Estamos em 2080 e a febre não parou. Simplesmente os dados são mais regulados. Há mais regras. Há mais políticas de privacidade. Há mais exercício do direito ao esquecimento. A portabilidade dos dados é uma moda, tornou-se uma moda. As pessoas quando desligam as chamadas telefónicas podem optar por ficar com a gravação da chamada e andar com as gravações das chamadas atrás. Têm é de pagar o serviço de gravação. E numa

economia de dados como a que vivemos hoje, a portabilidade dos dados tem um preço alto. Inventaram-se custos de operação e custos de serviço. Até para apagar dados inventou-se um preço, um custo de operação. As pessoas quando saem de um restaurante com câmaras de filmar podem optar por ficar com as filmagens do jantar com som e tudo e levarem as filmagens para onde quiserem. Vemos as pessoas a transportarem de um lado para o outro os seus próprios dados, andam de um lado para o outro carregadas com os seus dados. Em 2080, o Direito anda basicamente à volta disto: à volta dos dados. E anda à volta das câmaras. Mas esta maçonaria de dados já vem muito detrás. Não nos podemos esquecer que a febre de instalação das câmaras veio no exato momento em que se dizia e repetia que o novo petróleo eram os dados e no exato momento em que tínhamos um Regulamento de Proteção de Dados completamente fantasma e ilusório, porque permitia a circulação e o tratamento de dados, ao invés de o impedir! E como não impediu, vi em 2019 câmaras de vigilância a serem instaladas nas igrejas (...)

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 e republicado no dia 13 de outubro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma Missão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

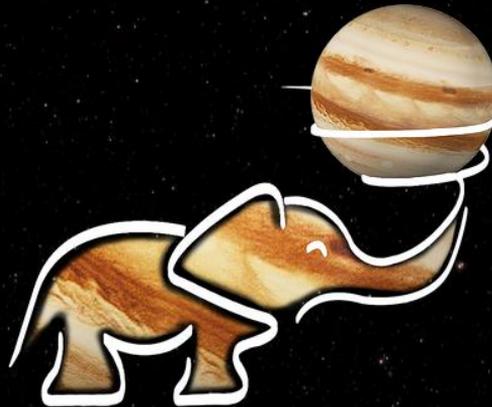
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)

Nota de edição: o conteúdo do presente demo é uma escrita implementada que foi acrescentada entre setembro e outubro de 2021 pelo autor à versão original da obra durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders.

O autor aumentou a versão original logo depois de entregar a obra à Jupiter Editions. Tal teve que ver com o Estado de Emergência que foi declarado pelo Governo, levando o autor a produzir uma nova escrita e que por estar ligada ao que já tinha sido escrito, o autor decidiu adicionar a nova escrita à versão original da obra 2080. Em junho o autor celebrou um contrato de trabalho com uma empresa sediada no concelho da Praia dos Bodyboarders. Tal levou a uma nova produção de escrita durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders que foi fechada definitivamente em outubro de 2021.

A Jupiter Editions e o tradutor da obra 2080 para castelhano aceitaram sempre os novos acrescentos em tempo real da obra, colaborando sempre com o autor e apoiando-o.

O conteúdo da presente obra integra a exclusiva 1ª Ordem da 1ª Edição do Primeiro Plano Editorial da Jupiter Editions só existindo atualmente na 1ª edição de luxo dos 6 exemplares de 2080 que foram impressos à porta fechada. Os Member Readers com 27 jupits ou autorizados pelo autor poderão consultar a 1ª Ordem da 1ª Edição de 2080 de Antoine Canary-Wharf no Jupiter Editions Museum e em especial o presente conteúdo na sua integridade. Nos trabalhos de Carpintaria de 2080 de Antoine Canary-Wharf pelas Regras do Jogo da 1ª Ordem da 2ª Edição anunciadas online no site da Jupiter Editions na zona de Gaming & Puzzling, sabendo-se que Antoine Canary-Wharf poderá diminuir a obra de 930 páginas até 400 páginas, não se espera que o autor inclua o conteúdo do presente demo para a 1ª Ordem da 2ª Edição. Esta tese é uma tese da Jupiter Editions e não do autor, podendo a tese estar completamente errada e verificar-se que o presente conteúdo foi incluído pelo autor na 1ª Ordem da 2ª Edição. 21/10/2021

